
EDITORIAL



Jorge Manuel Dias Sequeira ^(*)

Tenente-Coronel de Infantaria

Com o início do ano lectivo começou um novo ciclo; para os alunos do 1.º ano é um "mundo" completamente novo: camaradas mais antigos, regime de internato, adaptação a um conjunto de regras próprias da Instituição Militar, professores e disciplinas novas. Para os restantes é essencialmente a continuação do esforço e o assumir de maiores responsabilidades. Todas estas novidades acarretam sempre alguma incerteza, ansiedade e inquietude, que serão ultrapassadas com a camaradagem que nos distingue.

A incerteza e a mudança também são algumas das características do Sistema Político Internacional (SPI), que segundo o TGEN Abel Cabral Couto ¹ poderá ser qualificado como "altamente dinâmico, turbulento e de grande mutabilidade". É num panorama complexo e caótico em que, por exemplo, a Geopolítica e a Estratégia elaboram os seus cenários, pois como ciências prospectivas procuram prever as alternativas prováveis do devir mundial. A dificuldade de previsão e consequentemente do planeamento, não impede que estas disciplinas continuem a sua investigação, ou seja, procurem compreender o "caos" e se necessário explorá-lo; de racionalizar o absurdo.

São cada vez mais os autores a referirem que estamos a passar de um SPI unipolar, surgido com o fim da Guerra-fria, para um multipolar. De facto estamos num processo de transição social em que se alteraram as formas de produção, as relações de produção, a estabilidade de emprego e as vivências, os estilos de vida

^(*) Editor e Membro do Conselho Editorial da Proelium. É Professor das Unidades Curriculares de Geografia e Teoria Geral da Estratégia. É Director de Curso do 1.º Ano e Coordenador do Grupo Disciplinar de Estratégia e Comando Militar.

¹ Conferência proferida na Academia Militar intitulada "Fronteiras do Pensamento Estratégico", em 2 de Outubro de 2008.

e inclusive os valores. A grande questão que se coloca é saber se esta mudança se efectuará sem conflitualidade. A história tem mostrado que a alteração da distribuição do poder tem sido resultado de grandes conflitos mundiais. Nesta fase de evolução da humanidade conseguir-se-á gerir esta metamorfose de forma suave, com reformas sucessivas e sem violência?

Os conflitos identitários têm sido os mais numerosos (80%) e estão associados a fenómenos autonómicos, religiosos, étnicos, raciais e/ou culturais; já os de matriz geopolítica têm sido em menor número, mas há uma tendência de incremento em virtude do aumento da procura de matérias-primas, associado a uma escassez de recursos energéticos (petróleo) e alimentares (água e cereais).

De igual maneira, como resultado das preocupações com o aquecimento global foi comumente aceite a utilização, em maior escala, de biocombustíveis de forma a reduzir as emissões de gases que contribuem para o efeito de estufa. Passados alguns anos da adopção desta medida, o relatório anual da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação intitulado "O Estado Mundial da Agricultura e da Alimentação" vem solicitar a revisão das políticas e subsídios atribuídos a estes produtos por considerar que contribuem para aumentar os preços dos alimentos e nem sempre induzirem um impacto positivo no ambiente. Este caso ilustra como medidas aparentemente positivas para um sector de actividade (ambiente), vêm causar graves desigualdades sociais potenciadoras de tensões que poderão degenerar em conflitos.

Nas últimas semanas fomos assolados com notícias sobre a crise financeira. Temos assistido, um pouco por todo o mundo, a falências de instituições financeiras e intervenções governamentais para evitar muitas outras. Observe-se a situação da Islândia, país que em 2007 ocupava o 1.º lugar do Índice de Desenvolvimento Humano e que actualmente está à beira do colapso financeiro. Os receios de que a economia mundial entre numa recessão profunda levou os investidores a voltarem costas aos mercados accionistas e a venderem acções de forma descontrolada, arrastando os mesmos para perdas astronómicas.

Os líderes das principais economias mundiais parecem decididos a enfrentar as causas de tal situação. Alguns falam já numa nova cimeira de Bretton Woods, a conferência internacional que, em Julho de 1944, propôs uma nova ordem mundial monetária e financeira, na qual será debatida a supervisão financeira à escala global, havendo sugestões que vão no sentido do Fundo Monetário Internacional liderar o processo. Mas há outros contributos como os de Gordon Brown, primeiro-ministro britânico, que propôs um sistema que pudesse monitorizar as 30 maiores instituições financeiras do mundo. Independentemente do caminho a seguir, parece

hoje evidente que é necessário reconstruir o sistema financeiro, de uma forma que o torne mais respeitador do ser humano, mais respeitador do planeta e das futuras gerações, rechaçando um capitalismo que tem como obsessão o lucro de curto-prazo, como afirmou recentemente o Presidente francês Nicolas Sarkozy.

Será que a actual crise financeira dará origem a uma grave recessão económica, como vários economistas e organizações económicas sugerem? A Organização Internacional do Trabalho prevê um aumento de 20 milhões do número de desempregados no mundo inteiro até o final de 2009, de um aumento de 40 milhões da população de trabalhadores pobres vivendo com menos de um dólar por dia e de mais 100 milhões de trabalhadores que vivem com dois dólares por dia. Se assim for, as convulsões sociais que surgirão serão geridas sem violência ou estamos no pronúncio de grandes conflitos?

As situações descritas realçam a complexidade das relações que se tecem entre os actores do Sistema Internacional, dos quais destacamos os não relacionados com o Estado. Perante tais situações, a importância do conhecimento sai reforçada; o esforço e a procura constante de querer saber mais e a busca de desempenhos superiores é imperioso nos dias de hoje e nos tempos vindouros.

É com orgulho e ambição que assumo as funções de editor da revista *Proelium*, tarefa árdua tendo em vista o trabalho desenvolvido pelos anteriores editores que colocaram a revista da Academia Militar num patamar elevado, dado o rigor que impuseram em todos os números da revista. Um agradecimento especial ao Tenente-Coronel João Luís Rodrigues Leal, anterior editor, com quem tive o privilégio de trabalhar no Conselho Editorial e noutras áreas académicas, pela sua permanente disponibilidade, colaboração e acima de tudo pela amizade.

O futuro apresenta-se assim desafiante; como sempre, em tempos de outrora e nos que hão-de vir, a Academia Militar desempenhou e desempenhará um papel determinante para formar melhores Oficiais, futuras elites militares, que assumirão papel determinante na sociedade que se está a produzir; no fundo, Homens e Mulheres com capacidades acrescidas para enfrentar o futuro.